

## Aprendizagem significativa e efetiva: desenvolvendo competências em harmonia com as habilidades

MARCELO FIGUEIRÓ<sup>1</sup>

CHRISTIANO CORRÊA TEIXEIRA<sup>2</sup>

**Resumo:** Escrever sobre educação é o mesmo que escrever sobre transformação, mudança, utopia. O Brasil parece não aprender com a história e acumula equívocos educacionais desde sua descoberta. Precisamos nos reinventar no quesito educação, cultura e sociedade. A luz no final do túnel representa a resistência dos brasileiros ávidos por uma nação melhor, na qual a educação perpassa por toda sua extensão territorial, de forma instigante, significativa, atraente e eficaz. Valorizando quem ensina e quem aprende, apostando no protagonismo discente para transformar a nossa nação em um país de vanguarda, no qual o ensino tenha qualidade, de verdade. Faz-se necessária uma reengenharia educacional ampla e propositiva, capaz de atingir o país como um todo, promovendo as reformas educativas tão sonhadas pela nossa população. Só dessa maneira vamos nos candidatar a frequentar os mesmos índices educacionais das grandes potências mundiais. Palavras-chave: Aprendizagem significativa. Protagonismo discente. Oficinas. Competências e habilidades.

### Meaningful and effective learning: developing competency in harmony with the skills

**Abstract:** Writing about education is the same as writing about transformation, change, utopia. Brazil does not seem to learn from history, and accumulates educational misunderstandings since its discovery. We need to reinvent ourselves in education, culture and society. The light at the end of the tunnel represents the resistance of the Brazilians eager for a better nation, where education permeates throughout its territorial extension, in an exciting, meaningful, attractive and effective way. Valuing who teaches and who learns, betting on the student protagonism to transform our nation into a country of vanguard, where the teaching has quality, of truth. There is a need for a broad and purposeful educational reengineering, capable of reaching the country as a whole, promoting educational reforms so dreamed up by our population. Only in this way will we apply to attend the same educational indexes of the great world powers.

Keywords: Meaningful learning. Student leadership. Workshops. Competency and skill.

## Aprendizaje significativo y efectivo: desarrollando competencias en armonía con las habilidades

**Resumen:** Escribir sobre educación es sinónimo de escribir sobre transformación, cambio, utopía. Brasil parece que no aprende de la historia, y acumula equívocos educativos desde su descubrimiento. Necesitamos reinventarnos en el ámbito de la educación, la cultura y la sociedad. Una luz al final del túnel, representa la resistencia de los brasileños ávidos por una nación mejor, donde la educación esté presente en toda su extensión territorial, de forma instigadora, significativa, atractiva y eficaz. Valorando a quien enseña y a quién aprende, apostando en el protagonismo discente para transformar nuestra nación en un país de vanguardia, donde la educación sea, verdaderamente, de calidad. Se necesita una reingeniería educacional amplia y propositiva, capaz de alcanzar al país como un todo, promoviendo las reformas educativas tan soñadas por nuestra población. Sólo de esta manera vamos a frecuentar los mismos índices educativos de las grandes potencias mundiales.

Palabras clave: Aprendizaje significativo. Protagonismo discente. Talleres. Competencias y habilidades.

O ensino vem passando por diversos questionamentos. Pensamos que esse seja um momento de fragilidade e, por conseguinte, perigoso. Modismos podem ser referendados como solução, e incertezas correm o risco de serem confirmadas como verdades. Em momentos de mudanças, devemos ter cautela. No setor educacional, as tendências não sedimentadas e seus processos não passam por um tempo de experimentação que julgamos necessário. Pensamos que esse possa ser o motivo pelo qual frequentamos os últimos lugares em avaliações internacionais. Vivemos no país das reformas, consertando e reformulando uma pseudopolítica nacional de educação que nunca atingiu o Brasil de modo efetivo, contemplando algumas regiões em detrimento de outras. Assim, quando emerge o assunto “reforma da educação”, perguntamos: reformar o quê? Será que a colcha de retalhos em que se transformou a educação neste país está preparando nossos jovens para o mundo? Corremos o risco do retrocesso, que nos deixará cada vez mais distantes das nações desenvolvidas. Nós, brasileiros, merecíamos algo melhor em se tratando de educação.

Segundo Paulo Freire (1996, p. 10):

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social que, de história e cultural, passa a ser ou a virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora.

O processo educativo está necessitando de uma oxigenação, uma reestruturação, visando adaptar outros métodos para uma nova geração de crianças e jovens conectados ao mundo virtual. Nesse contexto, a informática deixa de ser uma ferramenta e torna-se parte integrante da metodologia de ensino. O professor, que outrora era o detentor do conhecimento, necessita estar aberto ao novo, transformando-se em um investigador, orientador, coordenador e, fundamentalmente, pesquisador. Deve propor situações nas quais o aluno seja protagonista, para que desenvolva sua autonomia e seja desafiado, mediante situações criativas, a elaborar o raciocínio lógico. Para tanto, educadores e educandos precisam aprender a aprender, ter capacidade de adaptação e facilidade de encarar o novo, sem medo da mudança. Torna-se imprescindível preparar as novas gerações para a vida, tendo em vista a quantidade de profissões que desapareceram e outras que serão extintas com o passar do tempo. Os avanços tecnológicos tendem a mudar as relações de trabalho, suprimindo alguns postos de emprego e oportunizando novas funções para quem souber aproveitar as oportunidades sem medo de ousar.

Esta reflexão pretende abordar a importância da aprendizagem significativa, na qual o conhecimento prévio do aluno é o ponto de partida para a ação pedagógica. A educação é um longo caminho, o qual deve ser prazeroso, alegre, divertido, eficiente, instigante, inovador e investigativo. Segundo Maria Montessori (*apud* FARIA *et al.* 2012), a atividade do educando deve ser impulsionada pelo seu próprio eu, e não pela vontade do educador. O aluno deve ser conscientizado a ver a educação como um caminho para mudar de vida, abrir novos horizontes e ascender socialmente. A utilização da educação escolar como instrumento de doutrinação e replicador de discursos encontra sua instrumentalização naquilo que Paulo Freire (1994) chama de educação bancária. Para o referido autor, a relação educador-educando nessa concepção consiste em narrar, dissertar, transferir ou depositar conhecimentos nos alunos. Não há a preocupação em desvendar as palavras, torná-las inteligíveis aos alunos, significá-las, ou seja, construir conhecimento.

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Daí que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la (FREIRE, 1994, p. 33).

Nesse modelo educacional, não há a preocupação em desenvolver nos alunos a reflexão, o pensamento autônomo ou crítico. O que está no cerne desse modelo é a reprodução. O conhecimento não surge do nada e não acontece por passe de mágica, mas nasce de experiências do cotidiano. De acordo com Paulo Freire (1998), quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa para alguém. Para que aconteça a aprendizagem, é necessário que o aluno relacione o conhecimento anterior com o novo. O professor não pode desprezar a bagagem trazida pelo aluno, pois essa riqueza pode alavancar a construção do conhecimento. Conforme Celso Vasconcelos (1992), conhecimento novo se constrói a partir do anterior.

O professor precisa entender como o aluno aprende, o que envolve o ato de ensinar e os conceitos que perpassam pelas teorias de aprendizagem. Por não serem aprofundados com a devida atenção que merecem, acabam não favorecendo quem ensina e não facilitando a aprendizagem dos educandos. O desenvolvimento do campo cognitivo tem em Vygotsky (2016) e em Piaget (1986) valiosas contribuições no âmbito educativo. Esses dois pesquisadores e suas teorias até hoje têm influência na educação. Os profissionais que trabalham na área precisam não apenas compreender essas teorias, mas propor alternativas e elaborar uma nova ressignificação para o que é estudado. Segundo Piaget (1986), o sujeito (re)constrói o conhecimento por meio do processo de adaptação. Para tal, é necessário que ocorra um desequilíbrio em seus esquemas mentais já estabelecidos, imposto pelo entorno, ou seja, externo ao sujeito. Então, na tentativa de se reorganizar mentalmente, o sujeito, por meio dos processos concomitantes de assimilação e acomodação, busca o reequilíbrio, a reorganização daquilo que foi abalado. A assimilação consiste em uma “estruturação por incorporação da realidade exterior às formas devidas à atividade do sujeito” (PIAGET, 1986, p. 20), ou seja, é exterior ao sujeito; todavia, não existe assimilação sem acomodação. Já a acomodação é como internamente o sujeito transforma aquilo que foi assimilado. Sendo assim, podemos compreender que a acomodação é o “resultado das pressões exercidas pelo meio [...], podemos então dizer que a adaptação é um equilíbrio entre a assimilação e a acomodação” (PIAGET, 1986, p. 19), é a construção de um novo conhecimento, fundamentado na reestruturação de conhecimentos anteriores. Já Vygotsky (2016) destaca o papel do ambiente e que as interações determinam o que a criança vai internalizar. Segundo Zoltan Paul Dienes (*apud* ROSA NETO, 1989), as habilidades que um indivíduo possui não aparecem de repente. São resultantes de um processo que ocorre por etapas. É uma evolução do concreto para o abstrato, trabalhando habilidades e redescobertas. A educação necessita de um salto de qualidade e eficácia. O papel do educador na mediação da construção do conhecimento é fundamental, com uma visão sistêmica do que está envolvido no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Heloísa Lück (2009, p. 7):

O caminho da qualificação da educação também passa pelo fortalecimento do magistério não apenas com melhor remuneração, mas também, e principalmente, pelo aumento da responsabilidade dos professores perante as comunidades atendidas. Envolve, portanto, a formação inicial e continuada dos educadores e a seleção e retenção dos profissionais que demonstram capacidade para garantir o aprendizado de qualidade a todos.

Para o psicólogo educacional norte-americano David Ausubel (*apud* GOULART, 2000), que adquiriu notoriedade por ter proposto o conceito de aprendizagem significativa, quanto mais sabemos, mais aprendemos. O referido autor dedicou sua vida acadêmica à pesquisa, propondo um ensino que faz sentido ao aluno. O que os estudantes vão aprender de “novo” precisa se sustentar em conhecimentos preexistentes, levando o aluno a refletir, relacionar, ampliar e reconfigurar algumas ideias, proporcionando a chance da descoberta. Segundo Ausubel (2000), ensinar sem levar em conta o que a criança já sabe é um esforço em vão. Segundo Hélio Teixeira (2015, s/p), “a ocorrência da aprendizagem significativa implica no crescimento e modificação do banco de informações que o educando traz consigo”. Nesse modelo de aprendizagem, é possível diversificar as abordagens do mesmo tema, proporcionando interpretações diferentes e uma nova práxis educativa. Aprender significativamente e de maneira eficaz só ocorre quando o aluno consegue relacionar uma coisa com a outra, partindo sempre de uma situação que tenha potencial significativo de aprendizagem. Assim:

O sujeito-educando necessita reconhecer que o que está sendo proposto pelo educador tem sentido, o afete de alguma forma, pois a afetividade é que produzirá o desequilíbrio necessário para que possa se efetivar a adaptação (TEIXEIRA, 2016, p. 59).

Contudo, em determinados conteúdos, torna-se necessária a memorização, que também faz parte do processo educativo. No entanto, o que fora simplesmente memorizado tem grande probabilidade de ser esquecido, ao passo que o ensino com significação permanece vivo por mais tempo.

De acordo com Santomé (1998, p. 41):

A aprendizagem significativa ocorre quando as novas informações e conhecimentos podem relacionar-se de uma maneira não-arbitrária com aquilo que a pessoa já sabe. No momento em que aquilo que se está aprendendo pode entrar em relação e integrar-se a conhecimentos já possuídos.

Estamos construindo uma mudança conceitual na forma de ensinar, aprender e avaliar. A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe as orientações norteadoras dos currículos da Educação Básica das escolas públicas e privadas do

país, estabelecendo os conteúdos essenciais, bem como as competências e habilidades que deverão ser desenvolvidas. Quando o aluno aprende de forma significativa, ou seja, faz sentido o que está aprendendo, torna-se mais eficaz o desenvolvimento das competências. Segundo Moretto (2012), competência não se alcança, mas desenvolve-se. Competência é fazer bem o que se propõe fazer. Já habilidade é a aplicação prática de determinada competência, visando à resolução de uma situação-problema. Nas oficinas de ensino, podemos RECONHECER uma aprendizagem significativa, o desenvolvimento de habilidades e de competências e suas aplicações práticas. Para abordar uma situação complexa, pensamos que o educando necessita: I) compreender, identificando as variáveis; II) planejar o caminho a seguir, projetando uma solução; III) executar o que foi planejado; e IV) analisar, de maneira crítica, os resultados obtidos, estabelecendo uma analogia com experimentos já realizados.

Segundo Edgar Morin (2004, p. 16):

Devemos, pois, pensar o problema do ensino, considerando, por um lado, os efeitos cada vez mais graves da compartimentação dos saberes e da incapacidade de articulá-los, uns aos outros; por outro lado, considerando que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada

Quando o aluno aprende fazendo, que é o princípio das oficinas de ensino, tende a assimilar e a compreender com mais facilidade as novas situações, pois tem a possibilidade de refletir e corrigir os rumos da aprendizagem. Segundo Maria Montessori (*apud* ROSA NETO, 1989), a curiosidade é um impulso para aprender. Quando o aluno aprende a partir de atividades bem planejadas pelo professor, constrói o conhecimento de forma significativa. O educando que se desenvolve a partir dessa perspectiva compreende melhor o que está aprendendo, enfrenta os problemas com sabedoria e técnica, comunica-se e argumenta com propriedade, elabora propostas e críticas, tem atitude, pois aprendeu a se socializar e a trabalhar em grupo. A aprendizagem significativa pode se consumir por meio da interdisciplinaridade, visando romper com uma fragmentação equivocada em que as disciplinas não dialogam, o que Morin (2005) define como paradigma simplificador. Assim:

pensamos que o conhecimento parcelado, fragmentado, triturado, pulverizado que impede uma visão do tecido no qual se dão as relações humanas. O retalho em que se converteu o conhecimento humano impede-nos de compreender o todo [...] (TEIXEIRA, 2016, p. 39).

Então é necessário que exista uma articulação entre as disciplinas. Só dessa maneira conseguiremos formar o aluno como um todo, permitindo compreender a realidade, provocando uma mudança comportamental.

De acordo com Vieira e Volquind (2002, p. 11):

Sobre Oficina de Ensino [...] Transportando para a linguagem pedagógica, pode-se afirmar que se trata de uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina precisa promover a investigação, a ação, a reflexão; combinar o trabalho individual e a tarefa socializada; garantir a unidade entre teoria e prática.

No atual momento educacional em que vivemos, o professor deve ser o mediador do conhecimento, estabelecendo uma proposta criativa e significativa, que deve ser planejada para um ambiente propício à aprendizagem. Segundo Valente (1995), as mudanças que estão ocorrendo nos processos de aquisição do conhecimento implicam alteração de postura dos profissionais em geral e, portanto, requer o repensar dos processos educacionais. Partindo do que o aluno já sabe, o educador pode estabelecer e atribuir significado e sentido às atividades sugeridas. Em dado momento, quando o aluno passa a fazer relações, a aprendizagem está se efetivando. Para isso, sempre que possível, os materiais concretos devem ser utilizados. Esses materiais estimulam o raciocínio e a criatividade. Quando o aluno é desafiado, formula hipóteses e arrisca algumas soluções. Nesse momento do debate, faz-se necessária a intervenção do educador, conduzindo o assunto de forma inteligente, possibilitando aos educandos a construção dos conceitos. Quando esses fatores estão convergindo de forma livre e espontânea, está nascendo a aprendizagem significativa. Trabalhar dessa forma requer preparação das aulas, alunos motivados e professores que não tenham medo da mudança, acreditem no novo e estejam constantemente revendo conceitos.

Finalizando, esse momento de reflexões teve a intenção de propor uma maneira de ensinar mais democrática e dinâmica, na qual o professor vai ensinar a aprender. Essa nova postura precisa estar internalizada na mente do educador, fazendo parte das ações no cotidiano. As nossas crianças e os nossos jovens precisam estar integrados nesses processos, não apenas como espectadores, mas tendo a chance de poder interferir, contextualizar e reagir diante da realidade. Se o aluno não construir um sentido real sobre o que está aprendendo, a aprendizagem não fará sentido. Quem gostaria de aprender sobre alguma coisa que não lhe diz respeito? O educador precisa oportunizar uma maneira diferente de contemplar os assuntos, buscando a atenção e o interesse dos alunos, algo mais instigante do que se apresenta hoje, proporcionando algo que tenha sentido. Não podemos reproduzir uma massa de pessoas que não questiona a realidade e o porquê das coisas. A aprendizagem também se dá por tentativa e erro. Debate, reflexão e ação precisam fazer parte do ambiente escolar. Existe luz no fim do túnel, cabe a nós, educadores, mantê-la acesa e promover uma educação mais voltada ao aluno, que seja significativa e efetiva.

## Notas

1 Licenciado em Ciências e Matemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Especialista em Metodologia do Ensino de Matemática Ensino Fundamental e Médio pela Faculdade Porto-Alegrense (FAPA). Especialista em Gestão da Educação pela PUC-RS. MBA em Gestão de Instituições Educacionais (incompleto) pela UNILASALLE de Canoas/RS. Curso de Gestão e Liderança – Província Lassalista de Porto Alegre. 11º Curso de Gestão Integrada em Formação de Gestores Educacionais pelo SINEPE/RS. Curso de Gestão do Desempenho e Feedback pelo SINEPE/RS. Líder coach em Formação Rápida, Prática e Eficaz pelo SINEPE/RS (2016). Diretor da Escola La Salle Pão dos Pobres. E-mail: marcelo.figueiro@lasalle.org.br.

2 Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Geografia pela UFRGS. Licenciatura em Geografia pela UFRGS. Professor de Ensino Fundamental da Escola La Salle Pão dos Pobres, Porto Alegre/RS. Professor de Ensino Fundamental do Colégio Sinodal do Salvador, Porto Alegre/RS. Professor-Formador do programa Escola da Terra (SECADI/MEC/UFRGS). E-mail: christianoteixeira@lasalle.org.br.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2017.

FARIA, Ana Carolina Evangelista et al. Método Montessoriano: a importância do ambiente e do lúdico na educação infantil. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, n. 12, p. 1-21, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY2.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 54 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GOULART, Iris B. **Psicologia da educação**: fundamentos teóricos - aplicações à prática pedagógica. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

LÜCK, Heloisa. **Dimensões da gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.



MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem significativa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORETTO, Vasco Pedro. Educar para competências: o desafio do professor no novo contexto social. **Explicando o ENEM**, São Paulo, p. 9-12, 2012. Disponível em: <<https://www.phronesis.net.br/afes/conteudo-detalhes,466,texto,vasco-pedro-moretto-educar-para-competencias-o-desafio-do-professor-no-novo-contexto-social>>. Acesso em: 3 maio 2017.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Tradução de Maria Luísa Lima. 10. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

ROSA NETO, Ernesto. **Didática da matemática**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

TEIXEIRA, Christiano Corrêa. **A geografia na educação do campo: possíveis contribuições**. 2016. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/143009>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

TEIXEIRA, Hélio. **Teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel**. 18 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/teoria-da-aprendizagem-significativa-de-david-ausubel/>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

VALENTE, José Armando. Informática na educação: conformar ou transformar a escola. **Perspectiva**, Florianópolis, UFSC/CED, NUP, n. 24, p. 41-49, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10703/10207>>. Acesso em: 5 maio 2017.

VASCONCELOS, Celso dos S. Metodologia dialética em sala de aula. **Revista de Educação AEC**, Brasília, n. 83, abr. 1992.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Léa. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** Porto Alegre: EdIPUCRS, 2002.

VYGOTSKY, Lev. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 14. ed. São Paulo: Ícone, 2016.